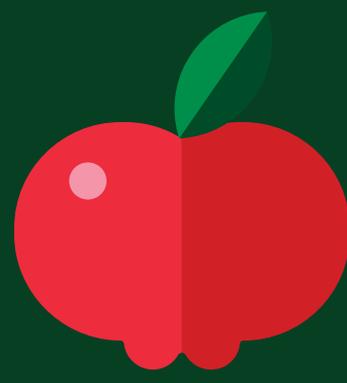
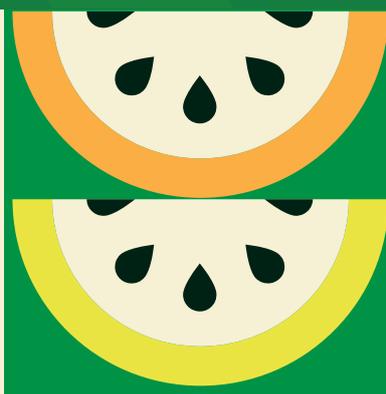
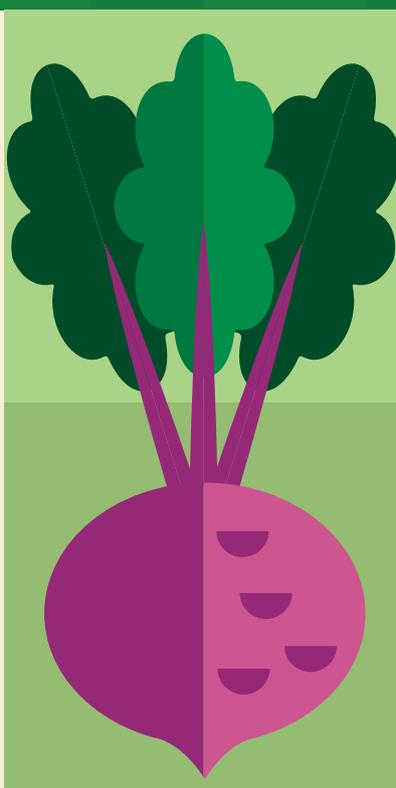
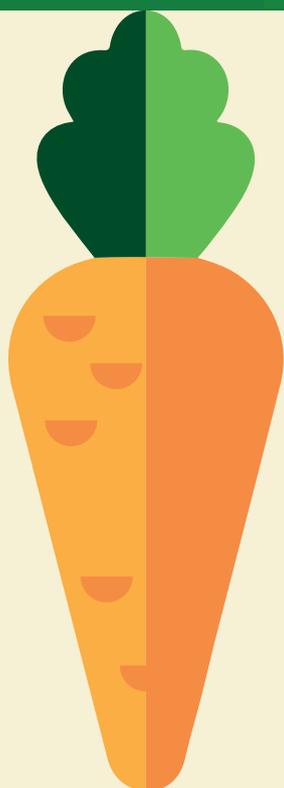


# Relatório do Estado das Culturas e Previsão de Colheitas

Unidade de Desenvolvimento Rural e Agroalimentar  
Divisão de Programas e Avaliação Agrícola





## 1 – Estado do tempo e sua influência na agricultura.

Nas **zonas do litoral**, o mês de agosto foi muito quente e seco, em especial, nas primeiras três semanas, com temperaturas mínimas médias a rondar os 16.ºC e máximas médias a variar entre os 32.º C e os 38.º C. A precipitação foi muito residual. De um modo geral, estas condições meteorológicas ajudaram a que os terrenos fossem perdendo humidade denotando já algum stress hídrico principalmente nas culturas temporárias. Os agricultores regam com maior frequência originando um incremento nos custos de produção. O estado do tempo permitiu iniciar as primeiras colheitas de milho para silagem, iniciar as vindimas das uvas de casta branca, dar continuidade às colheitas de batata de regadio, concluir as colheitas das culturas cerealíferas de outono – inverno. O calor excessivo provocou stress hídrico em algumas culturas, levando a uma diminuição no seu crescimento vegetativo, ao escaldão de algumas vinhas com castas mais suscetíveis e ao “cozimento do fruto” em algumas permanentes.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, a primeira quinzena registou temperaturas altíssimas, com máximas sempre próximas dos 40ºC e mínimas a rondar os 20º C, sem qualquer episódio de precipitação e com noites de pouca humidade e alguns dias ventosos. Estes factores refletiram-se sobremaneira na agricultura, com a paragem no desenvolvimento das plantas e no crescimento dos respetivos frutos. Foi necessário aumentar as dotações da rega nas culturas de regadio ou proceder a rega em certas culturas permanentes. Alguns dos concelhos desta zona foram atingidos pela vaga de incêndios rurais que tem assolado o país, com prejuízos em inúmeras explorações agrícolas. A segunda quinzena trouxe temperaturas amenas, alguma humidade nocturna e períodos (sobretudo matinais) de nebulosidade. Os últimos dias do mês tiveram ligeiros períodos de precipitação além de noites bastante húmidas, facto que veio favorecer as duas principais culturas da zona – olival e vinha.

Quer no Alto Mondego quer na Beira Serra, o mês de agosto foi seco, sem qualquer precipitação. Foi quente no período diurno com temperaturas máximas médias da ordem dos 32.º, mas atingindo, muitos dias, temperaturas acima dos 37.ºC, e fresco durante a noite com temperaturas mínimas médias da

ordem dos 15.ºC.

Tanto no Alto Dão-Lafões como no Baixo Dão-Lafões, o mês de agosto foi marcado por condições meteorológicas extremas, nomeadamente por ondas de calor. As temperaturas ao longo do mês foram elevadas, com vários dias a registarem temperaturas entre os 30°C e os 40°C e a precipitação foi praticamente nula. Na última semana do mês, as temperaturas baixaram, houve um significativo arrefecimento nocturno e aumento de humidade. As temperaturas altas e reduzida humidade tiveram efeitos na maturação nas pomóideas e nas uvas.

No Pinhal Sul, o mês de agosto teve temperaturas muito elevadas, sem precipitação, o que provocou com que os solos perdessem muita humidade, as pastagens de sequeiro e forragens começaram a secar mais rapidamente, nas fruteiras provocaram problemas de escaldão e nas vinhas aceleraram a maturação das uvas. Foram registadas temperaturas superiores às registadas no período homólogo de 2024, acima das médias (+ 2,83°C nas máximas, + 3,88 nas mínimas e + 2,35 nas médias).

Nas **zonas do interior**, o mês foi extremamente quente até ao dia 18, com vários dias de temperatura máxima maior ou igual a 40°C e mínimas acima de 20°C. O restante período do mês decorreu com temperaturas mais moderadas.

Quer em Ribã Côa quer em Cimo Côa, as altas temperaturas verificadas deram origem ao denominado escaldão, que afectou principalmente a cultura da vinha. É de salientar ainda a vaga de incêndios que assolou a região e destruiu por completo a maioria das culturas em freguesias dos concelhos de Pinhel, Sabugal, Meda, Trancoso e Figueira de Castelo Rodrigo.

Tanto na Serra da Estrela como na Cova da Beira, o mês de agosto caracterizou-se por apresentar no geral, temperaturas médias superiores às registadas em igual período de 2024 e os valores de precipitação inferiores. A quase ausência de precipitação e a subida da temperatura, por vezes acompanhadas de ventos moderados a fortes, contribuíram ainda mais para a rápida secagem dos fenos, das pastagens de sequeiro. Estes factores, agravaram também alguns problemas de queda de azeitona, bem como escaldão de frutos, nomeadamente maçã e pêra. Comprometeu também o desenvolvimento de algumas culturas de primavera/verão, principalmente as realizadas em sequeiro. Por outro lado, a ocorrência de grandes incêndios em ambas as zonas homogêneas, fustigaram enormes áreas, essencialmente de floresta e matos, mas também, de pomares e vinhas, de culturas arvenses e pastagens, de hortas familiares, integrantes dos sistemas policulturais tradicionais, base da sustentabilidade alimentar de famílias que ainda povoam o interior do nosso território.

Na Campina e Campo Albicastrense, há que destacar os efeitos dos incêndios que devastaram algumas explorações agrícolas com prejuízos sobretudo em olival, pastagens, sobro e fenos armazenados. Para além dos prejuízos nas culturas e nas forragens armazenadas também houve destruição de construções agrícolas, vedações e máquinas agrícolas.

No Anexo I, apresenta-se quadro com alguns valores da precipitação acumulada, número de dias com precipitação e de temperaturas médias registadas durante o mês de agosto em algumas das Estações Meteorológicas do Ministério da Agricultura e de outros Organismos instaladas na região centro.

No Anexo II, apresenta-se quadro com valores referentes aos níveis de armazenamento de água nas albufeiras dos aproveitamentos hidroagrícolas do Grupo IV, na região centro, no final do mês de agosto.



## 2 – Fitossanidade: pragas e doenças, intensidade e frequência dos ataques; oportunidade e eficácia dos tratamentos efectuados; prejuízos causados para além do normal.

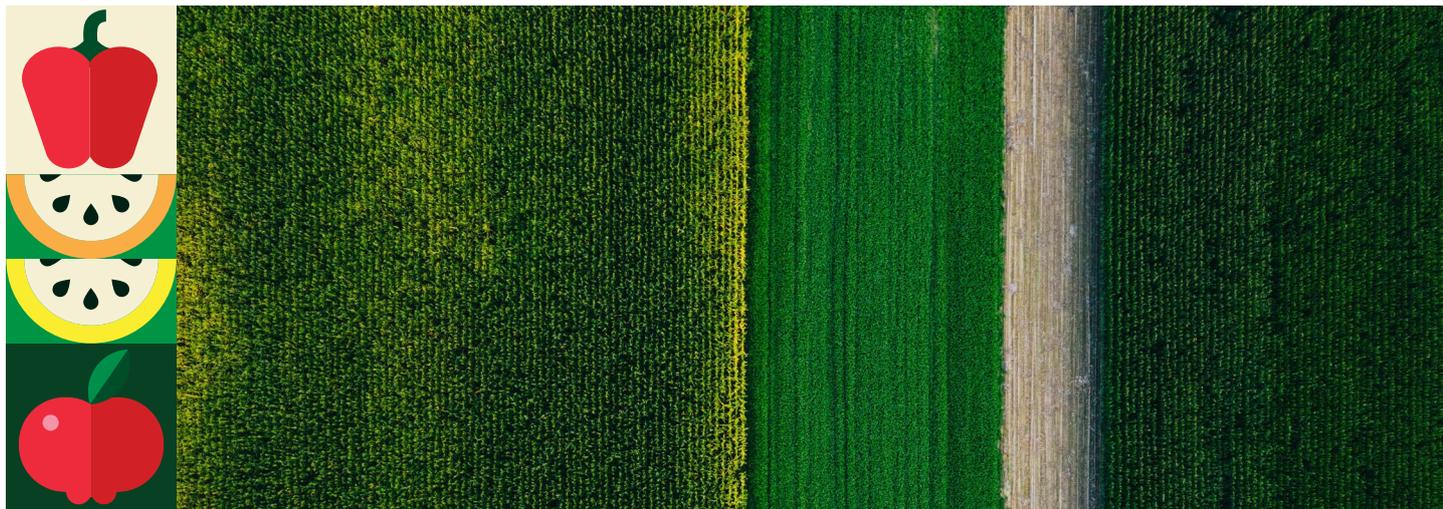
No que respeita aos factores bióticos, de um modo geral, as condições climáticas contribuíram para o aparecimento de pragas e doenças, evidenciando-se os seguintes casos:

- No Baixo Mondego (**zona do litoral**), na cultura do milho, verificaram-se problemas fitossanitários, nomeadamente ataque do vírus do nanismo. A cultura do arroz, apresenta infestantes, nomeadamente a milhã. As vinhas não tratadas encontram-se atacadas pelo míldio, de difícil controlo.
- No Pinhal (**zona de transição**), na vinha já não foram efetuados tratamentos fitossanitários de modo a salvaguardar o intervalo de segurança e tendo em conta que as altas temperaturas e ausência de humidade em grande parte do mês, foram fatores que condicionaram o aparecimento de doenças, sobretudo da podridão-cinzenta, que é uma das doenças de maior risco no período que antecede a vindima. No olival, os tratamentos efetuados foram direccionados à mosca-da-azeitona e gafa.
- No Pinhal Sul (**zona de transição**), nas vinhas, verificam-se alguns sintomas de míldio nos cachos. Nas pomóideas (macieiras e pereiras) registam-se ataques de pedrado causado pelas chuvas no início do ciclo vegetativo, verificando-se também escaldão nas maçãs mais precoces e nas peras, bem como, alguns focos de ataque de bichado.
- Quer em Riba Côa quer em Címo Côa (**zonas de interior**) foi com alguma intensidade e frequência que se efectuaram tratamentos fitossanitários este ano, dada a instabilidade do tempo, conseguindo-se travar a onda de míldio e oídio que se começou a verificar nas vinhas e pomares da região.
- Na Campina e Campo Albicastrense (**zonas de interior**), nas vinhas foi reportado situação de ineficácia de fungicida aplicado para combate do míldio, factor que terá estado na origem de perda de produção significativa nalguns casos.

Relativamente aos factores abióticos, as condições climatéricas verificadas durante o mês permitiram que os agricultores efectuassem os tratamentos preventivos/curativos ou conjunto de medidas culturais aconselhadas, para as diferentes culturas. Os casos de escaldão registaram-se um pouco por toda a região, nas pomóideas e na vinha.

Em relação a outros prejuízos para além do normal nas culturas, destacam-se os incêndios que destruíram, em algumas zonas, a totalidade da floresta e culturas forrageiras quer temporárias quer permanentes, bem como, uma quantidade substancial de culturas plurianuais como vinha, olivais, amendoais, pomóideas e prunóideas, enorme quantidade de forragem destinada a alimentar o efectivo durante o ano, e ainda alguns armazéns e alfaias agrícolas.

Os tratamentos (preventivos/curativos) ou o conjunto de medidas culturais aconselhadas ao longo do mês de agosto para as diferentes culturas, a merecer realce nos Avisos Agrícolas das Estações de



Avisos da D.G.A.V. para a área de atuação da CCDR Centro, foram:

**Citrinos** – cochonilhas, rachamento dos frutos.

**Olival** – mosca-da-azeitona (*Bactrocera oleae*), gafa.

**Pomóideas** (macieiras/pereiras) – bichado-da-fruta (*Cydia pomonella*), aranha-vermelha, mosca-do-mediterrâneo (*Ceratitis capitata*), doenças de conservação.

**Prunóideas** (pessegueiros e nectarinas) – nos pessegueiros e nectarinas: mosca-do-mediterrâneo (*Ceratitis capitata*).

**Vinha** – míldio, podridão-cinzenta, traça-da-uva (*Lobesia botrana*), cicadélídeos ou cigarrinha-verde, cigarrinha-da-Flavescência-Dourada, doenças do lenho, medidas culturais (desfolha e monda de cachos).

### 3 – Prados, pastagens e culturas forrageiras: estado vegetativo das pastagens de sequeiro, prados de regadio e forragens anuais; condições de alimentação das diferentes espécies pecuárias, importância do contributo de forragem verde, fenos, silagens e rações industriais relativamente a igual período do ano anterior.

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, aumentaram de frequência as regas nos prados, pastagens e culturas forrageiras, de modo a proporcionar a humidade necessária ao regular desenvolvimento dos seus ciclos vegetativos. A colheita do milho forrageiro de sequeiro já está a decorrer e só no próximo mês terá início a colheita da forragem de milho de regadio. A alimentação animal mantém-se dentro do habitual, com utilização dos fenos e das silagens, complementadas com rações industriais e suplementos vitamínicos.

No Baixo Mondego, as culturas pratenses apresentam fraco desenvolvimento vegetativo devido ao stress hídrico resultante das elevadas temperaturas registadas. A alimentação animal tem como base os fenos, as forragens e os adequados arraçoamentos. Em animais em regime extensivo, recorre-se ao pastoreio directo, havendo algumas limitações. O abeberamento dos animais continua a estar assegurado.

No Pinhal Litoral, o milho silagem começa a ser colhido, e prevê-se uma quebra de produtividade de 20% relativamente ao ano passado. As disponibilidades alimentares do pastoreio directo e de alimentos conservados asseguram a alimentação animal.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, as forragens já estão cortadas e enfardadas. O agricultor não ficou desagradado com as quantidades, que se podem equiparar ao ano anterior (ainda que este ano não se tenha produzido feno-silagem), no entanto a qualidade não foi a desejada. O ciclo anual das culturas forrageiras iniciou-se com algumas dificuldades, desde a impossibilidade em preparar os terrenos até



a germinações fracas devido ao excesso de água nos solos. As temperaturas tendencialmente mais baixas, muita nebulosidade e a permanente chuva dos primeiros meses do ano, também condicionou o desenvolvimento vegetativo nessa fase, impossibilitando um primeiro corte para feno silagem. Finalmente com a primavera já em curso, com temperaturas mais amenas, humidade nos solos e períodos mais distribuídos de precipitação, dias mais longos e mais horas de insolação, as culturas recuperaram bem e a nível de quantidade de produção de matéria verde, o ano acabou por ser satisfatório. Contudo, a impossibilidade de entrar com a maquinaria nos terrenos, no período desejável – ainda fruto da quantidade de água nos solos – e os picos de calor que aceleraram o espigamento, fizeram com que o feno não tivesse a qualidade pretendida. Não havendo condições para um segundo corte, os terrenos estão nesta fase em pousio ou dedicados a algum pastoreio, sobretudo nas pastagens espontâneas ou em regime plurianual de sequeiro, embora o calor extremo e a redução de humidade nos solos, tenham condicionado a produção de matéria verde.

Tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, as culturas pratenses e forrageiras apresentaram boas produções, estando já armazenados. O pastoreio continua a fazer-se, mas apenas nos matos, uma vez que os pastos estão fenecidos e já bastante rapados. O consumo de feno e de rações industriais é o normal para este período do ano.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, a matéria verde produzida nas pastagens e prados de sequeiro, que estava com um desenvolvimento vegetal normal para a época, diminuíram o seu desenvolvimento vegetativo e encontra-se, maioritariamente, seca. As culturas forrageiras de regadio, como o sorgo e o milho, mantêm um crescimento razoável, dado beneficiarem

de alguma disponibilidade de água. No Alto Dão Lafões, os incêndios destruíram algumas culturas forrageiras, concretamente leguminosas e prados, e algumas já estavam armazenadas, causando um aumento da dependência de fenos, silagens e rações industriais. A produção teve uma baixa de cerca de 30%. A área semeada de culturas forrageiras foi idêntica à do ano anterior e verificou-se um aumento de produtividade de 5% no sorgo e no milho de regadio, dado os recursos disponíveis de água.

No Pinhal Sul, as pastagens e prados naturais apresentam um aspecto seco, como é habitual nesta época do ano. Observa-se apenas algum verde em milharadas, prados de regadio e milho forrageiro que está a ser cortado para alimentação animal. O pastoreio directo está a fazer-se nas milharadas e pasto natural com ovinos e caprinos. Quanto ao abeberamento animal, não se registaram dificuldades.

Nas **zonas do interior**, em Riba Côa e Cimo Côa, estas culturas apresentam fraco desenvolvimento vegetativo, principalmente as pastagens de sequeiro e as permanentes pobres. Nota-se um grande stress hídrico devido ao excesso de calor e falta de água. Nas zonas que foram consumidas pelos incêndios a situação é mais grave, pois há aldeias onde foram queimadas 100% das forragens permanentes, nomeadamente lameiros e pastagens pobres e mesmo até forragens que já estavam colhidas e armazenadas para alimentação do efectivo durante o ano. Há zonas onde existem sérios problemas na alimentação do efectivo, estando as Câmaras Municipais a fornecer alguma palha e feno aos produtores.

Nas zonas homogéneas da Cova da Beira e da Serra da Estrela, as culturas forrageiras e pratenses semeadas de regadio tiveram um desenvolvimento normal, apenas afetado pelos picos de temperatura, assim como, os prados e as

pastagens permanentes espontâneas de sequeiro, das zonas mais frescas e húmidas, principalmente na Serra da Estrela. No entanto, as restantes pastagens e prados de sequeiro, encontram-se praticamente pastoreados na totalidade ou destruídos pelos fogos. Globalmente, a disponibilidade de fenos pastoreados e enfardados é significativamente inferior nas zonas oeste das zonas homogéneas da Cova da Beira e norte e oeste da Serra da Estrela, relativamente ao ano anterior, devido aos incêndios ocorridos. Também arderam manchas de carvalhos que no outono forneciam bolota, um complemento alimentar com grande importância na alimentação quer de pequenos ruminantes, quer de bovinos. Este mês houve uma maior utilização de alimentos conservados ou rações em cerca de 50%. O recurso ao pastoreio direto para a alimentação animal, nomeadamente nos restolhos das culturas cerealíferas ou forrageiras de corte é muito menor do que a registado o ano transacto. Nos animais com vocação produtiva de leite ou de engorda, continua-se a recorrer a rações e outros alimentos conservados, nas quantidades habituais.

Na Campina e Campo Albicastrense, as pastagens e forragens da produção de outono-inverno estão secas, continuando a ser consumidas pelos animais em pastoreio. As forrageiras de primavera-verão, sobretudo as de sequeiro, nalguns casos têm produção abaixo do esperado, atribuindo-se essa quebra ao stress hídrico das culturas provocado pelo calor intenso. No geral, não há dificuldade em alimentar os animais em pastoreio; a juntar à produção da primavera-verão ainda há forragem da produção de outono-inverno em quantidade para ser pastoreada. São excepção os casos das explorações que ficaram sem pastagens e fenos armazenados na sequência dos incêndios, que terão que recorrer à aquisição de forragens para alimentar os efectivos pecuários.

#### 4-f – Cereais praganosos: andamento das colheitas; produção quanto aos aspectos de quantidade, rendimento e qualidade dos produtos.

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, a pluviosidade que se fez sentir durante o período de outono/inverno e que se prolongou até ao final da primavera, obrigaram a uma sementeira tardia assim como, a sua colheita, para grão e palha, que ainda decorre, afectando negativamente principalmente a produção do trigo, triticale e aveia, chegando a atingir quantitativamente os 20% em relação à última campanha de 2024.

No Baixo Mondego, estão concluídas as colheitas destas culturas, os cereais apresentaram boa qualidade e uma produção semelhante ao ano transacto.

Nas **zonas de transição**, de um modo geral, a colheita dos cereais de outono-inverno está concluída e decorreu sem constrangimentos.



No Alto Mondego e na Beira Serra, estimam-se aumentos nas diferentes culturas, apresentando melhores produções que o ano anterior.

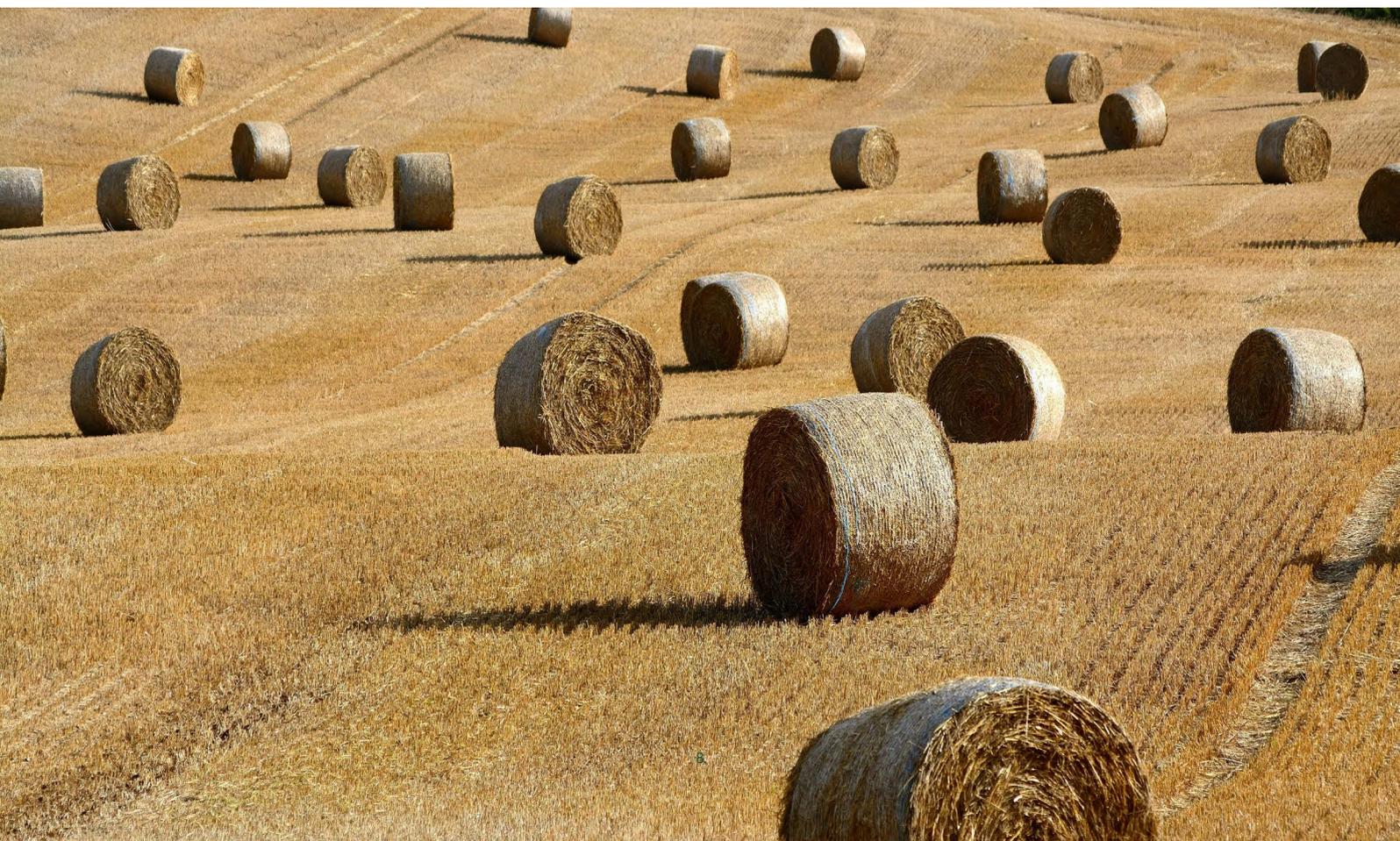
No Pinhal Sul, as condições climatéricas que ocorreram na primavera, proporcionaram um bom desenvolvimento dos cereais de pravana, no aspecto qualitativo e quantitativo, tendo-se verificado uma produção semelhante à de 2024, sendo excepção a aveia onde houve um aumento de 5% em relação ao ano anterior.

Tanto no Alto Dão-Lafões como no Baixo Dão-Lafões, as condições climatéricas verificadas nos últimos meses, nomeadamente a chuva até tarde e a subida das temperaturas, permitiu uma aceleração e recuperação no ciclo das culturas que estavam em atraso, favorecendo o desenvolvimento de todos os cereais praganosos ao longo do seu ciclo vegetativo. A produtividade do trigo, centeio e cevada é idêntica ao ano anterior, inferior no tritcale (10%) e na aveia (5%). Os agricultores estão a usar a aveia, principalmente, para as forragens.

Nas **zonas do interior**, quer em Riba Côa quer em Cimo Côa, as colheitas foram efectuadas antes dos incêndios, com produções idênticas ao ano anterior, e boa qualidade.

Tanto na Serra da Estrela como na Cova da Beira, estas culturas, estão na fase final de colheita na Cova da Beira e terminada na Serra da Estrela. As searas nas terras baixas registam menor desenvolvimento e conseqüentemente apresentam palhas curtas e deficiente "granação" (baixo número de sementes por espiga e/ou espigas curtas) ou até morreram devido ao encharcamento, durante o inverno e primavera. As produtividades foram superiores em cerca de 10%, relativamente ao ano anterior na aveia, no centeio e no tritcale, na Cova da Beira. Na Serra da Estrela, a produtividade do centeio foi idêntica à de 2024, a do azevém, cerca de 15% superior e a da aveia e tritcale foi inferior cerca de 5%.

Na Campina e Campo Albicastrense, a produtividade dos cereais praganosos foi semelhante ao ano anterior, com valores considerados normais para a região. A qualidade do grão é boa. Nalguns casos o atraso com a vinda da maquinaria de colheita atrasou as colheitas, facto que levou à perda de sementes por deiscência. Os javalis continuam a atacar estas culturas provocando estragos e diminuindo a produtividade.



## 5-g – Culturas arbóreas e arbustivas, nomeadamente vinhas, pomares, de pomóideas, prunóideas, citrinos, kiwis, frutos secos e olivais: estado vegetativo, produção quanto aos aspectos de qualidade e quantidade.

A seguir descrevem-se os aspetos mais relevantes para as diferentes culturas arbóreas e arbustivas.

### • Pomares de Castanheiros e outros frutos secos

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, a cultura da noqueira é muito sensível a condições de stress hídrico e térmico, como tem ocorrido em meses anteriores e que foram ainda mais acentuadas na primeira quinzena do mês. Os agricultores foram obrigados a regas diárias para equilibrar as árvores, conseguindo assim reduzir o impacto negativo destes factores abióticos. Houve alguma queda de folha e escaldão na casca verde, mas pouco significativo. Em noqueiras sem rega, o impacto foi mais significativo, com visível murchidão foliar, amarelecimento e queda de folha, e algum fruto caído. Relativamente à quantidade de fruto na variedade Lara (a mais comum na zona) mantém-se o optimismo para uma maior produção que no ano anterior. A colheita está prevista para o início de outubro. O ciclo cultural do castanheiro segue no desenvolvimento do ouriço e em geral, os soutos aparentam boa carga. Faltará avaliar o calibre da castanha, factor determinante no escoamento do fruto. Nos próximos meses, vários factores influenciarão a quantidade e qualidade do fruto, mas de momento a maioria dos agricultores está optimista. Observam-se muito poucas galhas, sinal que a praga da vespa-do-castanheiro parece estar controlada.

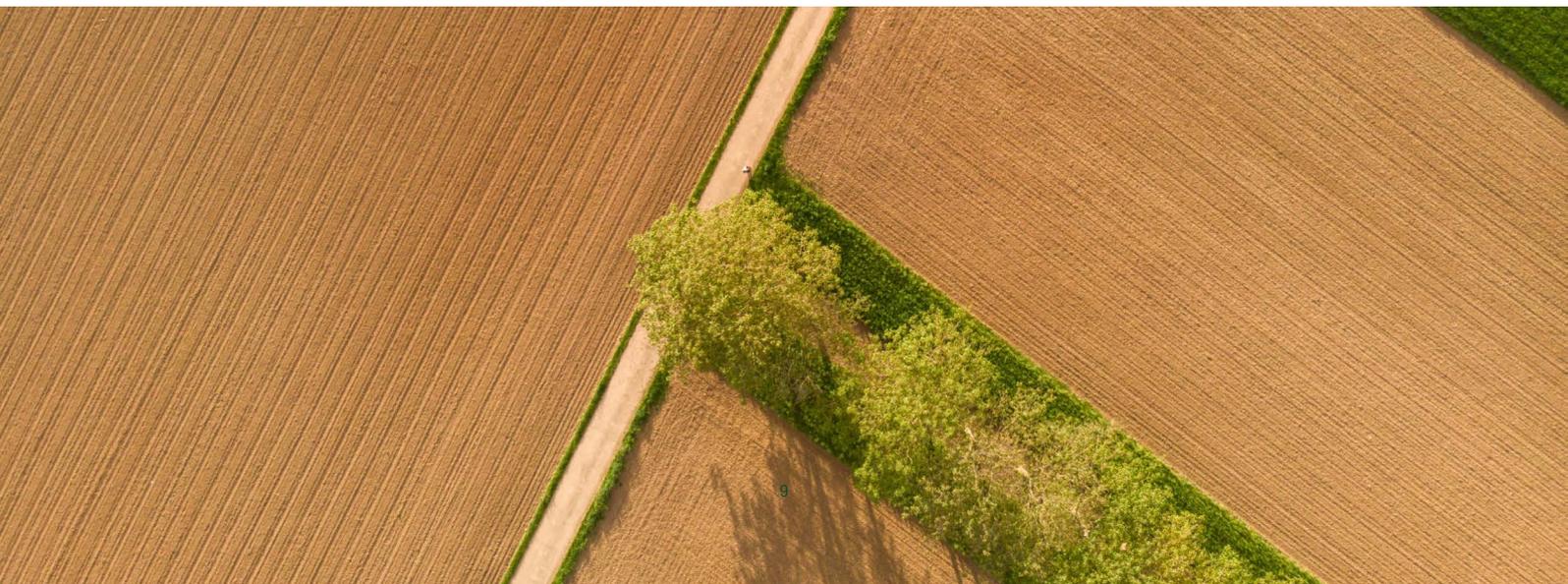
Tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, os castanheiros encontram-se no estado fenológico – crescimento dos ouriços; e as amendoeiras encontram-se no estado fenológico I – frutos maturação / início de colheita.

No Pinhal Sul, os castanheiros apresentam uma grande quantidade de ouriços, prevendo-se que seja um bom ano de produção de castanha, superior a 2024. A produção de amêndoa perdeu-se quase na totalidade, cerca de 90%, devido ao forte ataque de pegas azuis e esquilos.

Nas **zonas do interior**, na Campina e Campo Albicastrense, na amêndoa considerou-se um aumento de 5% na estimativa da produtividade, contudo, devido tratarem-se de pomares novos o aumento deveria ser superior, mas, a influência dos factores climatéricos, nomeadamente a falta de frio e sobretudo a chuva na floração impediu aumentos maiores da produtividade.

Tanto em Riba Côa como em Cimo Côa, as amendoeiras apresentam um fraco estado vegetativo devido ao calor intenso que se verificou durante quase todo o mês, tendo algumas áreas sido afectadas pelos incêndios que assolaram estas duas zonas homogéneas. Assim, estima-se uma quebra na ordem dos 5% na produção.

Quer na Serra da Estrela quer na Cova da Beira, os pomares de aveleira, que já vão tendo expressão na Cova da Beira, apresentam bom desenvolvimento e uma produção normal, proporcional à sua idade. As amendoeiras, mais presentes na Cova da Beira, apresentaram problemas com o vingamento do fruto e problemas principalmente fúngicos ao longo da campanha. Estando a colheita a cerca de 25%, verifica-se uma grande heterogeneidade dos calibres do miolo, provavelmente originado pelo excesso de calor em julho e agosto, prevendo-se



uma quebra de produtividade, em termos gerais, superior ao que estava previsto, ou seja, na ordem dos 50%, em relação ao ano transacto. Os incêndios destruíram soutos de castanheiros na Serra da Estrela.

#### • Pomares de Citrinos

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Mondego, os pomares de citrinos, encontram-se na fase de desenvolvimento do fruto.

#### • Pomares de Kiwis

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Mondego, os pomares de kiwis encontram-se na fase de desenvolvimento do fruto.

No Pinhal Litoral, as plantas apresentam stress hídrico, apesar da rega, devido às altas temperaturas que se fazem sentir, o que está a condicionar o desenvolvimento dos frutos.

Nas **zonas de transição**, tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, os kiwis encontram-se no estado fenológico M – fruto em crescimento.

No Pinhal Sul, nos kiwis estima-se uma quebra de produção de cerca de 30%, em referência com 2024, provocada por granizo na zona de Cernache do Bonjardim.

#### • Pomares de Prunóideas

Nas **zonas de transição**, tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, os pessegueiros encontram-se no estado fenológico I – frutos em crescimento /colhidos; as variedades tardias estão ainda

atrasadas.

Quer no Alto Dão–Lafões quer no Baixo Dão–Lafões, o pêsego encontra-se no estado fenológico maturação e colheita, dependendo dos locais. Estima-se que a produtividade do pêsego tenha uma diminuição de cerca de 10%, em relação ao ano anterior.

No Pinhal Sul, nos pessegueiros e nectarinas, verifica-se uma quebra de 70% em relação a 2024.

Nas **zonas do interior**, na Campina e Campo Albicastrense, no pêsego há diminuição da produção, sendo a redução maior nas variedades precoces do que nas tardias, em virtude de as primeiras terem sido sujeitas a muita chuva na floração.

Tanto em Riba Côa como em Cimo Côa, estas culturas apresentam um fraco estado vegetativo, devido ao calor intenso que se verificou durante quase todo o mês, e alguns pomares foram afetados pelos incêndios que assolaram estas duas zonas homogéneas. Assim, calcula-se uma quebra na ordem dos 5% na produção.

Quer na Serra da Estrela quer na Cova da Beira, os pessegueiros, nectarinas e ameixas encontram-se em fase final de produção. Existem quebras de produtividade em ambas as espécies e nas duas zonas homogéneas. Assim, prevê-se uma quebra geral de produtividade relativamente a 2024, nos pêsegos e nectarinas de cerca de 25%, na Serra da Estrela e de cerca de 40% na Cova da Beira, assim



como, de 40% para a ameixa, também nesta última zona homogénea, onde a cultura é expressiva. Os incêndios destruíram pomares essencialmente de cerejeiras em todo ou em parte, principalmente na Cova da Beira.

### • Pomares de Pomóideas

Nas **zonas do litoral**, no Pinhal Litoral, a colheita de pera rocha está quase concluída. A produção prevê-se idêntica à do ano passado, fraca relativamente ao potencial produtivo da espécie. O fogo bacteriano e a estenfiliose são doenças que continuam a aumentar o seu impacto na produtividade. Quanto à maçã, prevê-se uma produção idêntica à campanha do ano anterior. Nas variedades Gala decorre a colheita prevendo-se uma produção idêntica ao ano passado. Há a referir que a variedade Fuji apresenta nesta região uma quantidade significativa de novos pomares, cuja produção irá permitir a manutenção da quantidade do fruto produzido nesta zona homogénea.

Nas **zonas de transição**, tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, as macieiras encontram-se no estado fenológico J, I – fruto em desenvolvimento (início de maturação), e está cerca de 2 a 3 semanas atrasado relativamente ao ano passado); as pereiras encontram-se no estado fenológico I – fruto maturação / colheita, com cerca de uma semana de atraso relativamente ao ano passado, e os marmeleiros, encontram-se no estado fenológico J – frutos em desenvolvimento.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, as macieiras e as pereiras encontram-se no estado fenológico de maturação e colheita. As condições meteorológicas registadas aceleraram a maturação dos frutos, que passaram de verde para laranja e ou amarelo de forma rápida, nomeadamente a maçã Gala, que já teve início de colheita. No geral, nas macieiras, prevê-se uma quebra de produtividade de cerca de 20%, em relação ao ano anterior. No Alto Dão Lafões, nomeadamente na região de Aguiar da Beira, os incêndios atingiram pomares, que segundo informação obtida por um dos maiores produtores, a perda do mesmo foi de 2,5 ha, com diminuição de produção em cerca de 20% a reflectir nos próximos 3 anos. Toda a área vai ser replantada.

No Pinhal Sul, já se iniciou a colheita das maçãs vermelhas, Gala, Royal Gala, Jonagold e Fuji, as quais têm uma produção inferior à de 2024; nas

peras também se verifica uma quebra de 50% em relação ao ano transacto. Quanto ao aspecto qualitativo apresentam manchas de pedrado e de escaldão nos frutos devido à maior exposição solar.

Nas **zonas do interior**, quer na Serra da Estrela quer na Cova da Beira, as macieiras e pereiras encontram-se as primeiras em início de produção e as segundas na fase final de ciclo, em ambas as zonas homogéneas. Espera-se uma produtividade nas macieiras muito idêntica à do ano anterior, e um acréscimo de produtividade nas Rocha que são as dominantes, de cerca de 30% na Serra da Estrela, enquanto se estima uma quebra em termos gerais de 25% na Cova da Beira. A qualidade da fruta poderá ser inferior, uma vez que existe algum pedrado em certos pomares, assim como escaldão.

Tanto em Riba Côa como em Cimo Côa, estas culturas, apresentam um fraco estado vegetativo, devido ao calor intenso que se verificou durante quase todo o mês, e alguns pomares foram afetados pelos incêndios que assolaram estas duas zonas homogéneas. Assim, calcula-se uma quebra na ordem dos 5% na produção.

Na Campina e Campo Albicastrense, na maçã e pera a produtividade é ligeiramente inferior ao ano anterior, consequência da primavera chuvosa e também do calor que se verificou na floração/vingamento.

### • Olival

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Mondego, os olivais, encontram-se no estado fenológico I – Desenvolvimento do fruto. Alguns frutos apresentam pouca polpa e estão ressequidos pelo calor excessivo, sendo precoce prever as suas produções.

No Pinhal Litoral, a cultura do olival encontra-se na fase de crescimento dos frutos. Há zonas cujos lagares querem começar a campanha a meados de setembro, mesmo com a azeitona verde, na perspectiva de produzirem um bom azeite. A maioria dos produtores consultados prevê uma fraca produção, ou uma produção idêntica à verificada no ano passado. No que se refere à qualidade, a azeitona apresenta-se limpa, sem estragos provocados pela mosca-da-zeitona. As temperaturas elevadas que se fizeram sentir no

mês de agosto, evitaram o desenvolvimento de larvas e novos ataques da mosca-da-azeitona.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, a cultura encontra-se no estado fisiológico de frutos em crescimento (2º estado). Não se verifica ainda a mudança de cor da epiderme. Na primeira quinzena, devido às temperaturas a rondar os 40°C e sendo esta uma zona em que a cultura é maioritariamente de sequeiro, o desenvolvimento do fruto esteve estagnado. Embora não tenha sido reportada a ocorrência de queda de fruto significativa, verificava-se nalguns casos que a azeitona estava mirrada e engelhada. A segunda quinzena trouxe temperaturas amenas o que aliviou o stress térmico da cultura. Com as orvalhadas e ligeira precipitação dos últimos dias do mês, o fruto voltou a desenvolver e os ramos já vergam com o peso do fruto. A quantidade e qualidade de fruto gera algum optimismo nos olivicultores, sendo superior ao ano passado e não havendo ainda muito fruto picado (as altas temperaturas da primeira quinzena inibiram a actividade da mosca-da-azeitona). Ao contrário do ano passado em que se observava grande heterogeneidade de carga em árvores próximas, este ano a quantidade de fruto parece ser mais equilibrada entre árvores. Alguns olivicultores fizeram tratamento fitossanitário no fim do mês, para a gafa e a mosca-da-azeitona.

Tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, os olivais encontram-se no estado fenológico I- frutos em crescimento.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, embora inicialmente tenha sido previsto para a campanha de 2025, um aumento de produtividade de azeitona em relação ao ano anterior, as previsões

foram contrariadas pelas condições climatéricas ocorridas. Os produtores preveem uma diminuição de produção que pode atingir os 30%. A qualidade é considerada boa, principalmente na galega.

No Pinhal Sul, a produção de azeitona não é uniforme, pois existem olivais em contrassafra. Os olivais da cultivar galega tiveram uma floração muito grande, resultando um grande vingamento de frutos, encontrando-se estes no estado (J) engrossamento dos frutos, estimando-se um aumento da produção, muito significativo, em relação a produção de 2024.

Nas **zonas do interior**, tanto na Serra da Estrela como na Cova da Beira, a cultura do olival foi fortemente afectada pelos incêndios ocorridos em agosto em ambas as zonas homogéneas devastando olivais estremes e oliveiras dispersas integradas nos sistemas policulturais tradicionais. Estima-se que foram afetados entre 50% a 60% dos olivais e oliveiras dispersas existentes, o que representa uma redução significativa da área. Os olivais que se encontram em zonas mais frescas ou que beneficiam de rega encontram em bom estado sanitário, apresentam bom aspecto vegetativo, dentro dos padrões normais da cultura. Nos restantes, verificou-se uma maior desfoliação e maior queda de frutos vingados, devido ao excesso de calor e aos ataques de traça em olivais não tratados. Assim, globalmente, prevê-se uma diminuição da produtividade relativamente ao ano anterior, na Serra da Estrela, de cerca de 15% e de 10% na Cova da Beira, respectivamente.

Tanto em Riba Côa como em Cimo Côa, o olival apresenta um fraco estado vegetativo, sobretudo devido calor intenso que se verificou ao longo



do mês. Alguns olivais também foram afectadas pelos incêndios que assolaram estas duas zonas homogéneas. Assim, estima-se uma quebra 5% na produtividade/produção.

Na Campina e Campo Albicastrense, a produção aparente do olival não é homogénea, a variedade galega teve bom vingamento por isso tem boa quantidade de frutos, o mesmo não se verificando com outras variedades, nomeadamente a cobrançosa, que tem menos quantidade.

#### • Vinha

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, em particular na Bairrada, os cachos estão formados e a caminharem para a maturação, tendo já sido iniciada a vindima em algumas vinhas com castas mais precoces. Perspectiva-se, no entanto, que o ano não venha a ser dos melhores, sendo previsível alguma quebra na produção que se poderá estimar em cerca de 20%, mas mantendo, no entanto, uma qualidade natural satisfatória, mesmo com algum desequilíbrio na maturação da uva na relação acidez/teor alcoólico da fruta.

No Baixo Mondego, iniciaram-se as vindimas das uvas de castas brancas. As castas mais sensíveis sofreram escaldão devido ao calor excessivo, as uvas apresentam-se com menos qualidade e ressequidas. Prevê-se um decréscimo na produção.

No Pinhal Litoral, as maturações estão muito heterogéneas. A Adega Cooperativa da Batalha vai iniciar a campanha a 15 de setembro, no entanto, estima-se que o grau seja inferior ao do ano passado. Relativamente à produção prevê-se idêntica à do ano passado (fraca).

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, a vinha encontra-se no estado fenológico da maturação. A quantidade de açúcar presente no bago, os cuidados dos meses anteriores, as altas temperaturas e a baixa humidade durante grande parte do mês, permitiram manter a produção sã, mesmo não tendo sido efectuados tratamentos fitossanitários neste mês (até pela questão do intervalo de segurança). Ainda assim, houve viticultores que não conseguiram evitar perdas devido a míldio (doença que afectou bastante a cultura durante a primavera chuvosa). Na primeira quinzena manteve-se a preocupação com as temperaturas muito altas, tendo sido uma preocupação o risco de escaldão nos cachos mais expostos. Além da aplicação de caulino, como tem sido sugerido aos viticultores, o cuidado na despona e desfolha, foi fundamental para evitar perdas na produção. Na segunda quinzena, as temperaturas mais amenas ajudaram a retardar um pouco a maturação, e as orvalhadas que ocorreram também poderão ajudar um pouco ao engrossamento do cacho. Transversal a todos os viticultores, foram os ataques (diários) de javalis, que vão causando prejuízos óbvios, solicitando os lesados, a criação de apoios à



aquisição e instalação de vedações, de modo a evitarem perdas de produção numa fase tão adiantada do ciclo cultural. Pese embora as várias condicionantes, há perspectivas de boa produção, superior ao ano anterior, não propriamente por haver mais cachos vingados, mas essencialmente por se estimarem muito menos perdas por questões fitossanitárias. Perspectiva-se a vindima a partir da segunda semana de setembro, sendo que nas zonas mais serranas se aponta mais para o fim do mês.

Tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, a vinha encontra-se no estado fenológico N - início de maturação; está 2 a 3 semanas atrasado.

No Alto Dão-Lafões e Baixo Dão-Lafões ocorreu um aumento de maturação nas uvas com uma aceleração de acumulação de açúcar, o tamanho dos bagos é reduzido, com previsões de idêntica produtividade face ao ano anterior. Inicialmente, as previsões para a campanha de 2025/2026 era de um aumento de produção de cerca de 15 a 20%, no entanto, verifica-se uma recessão, devido às condições meteorológicas ocorridas, essencialmente, durante o mês de agosto. Há produtores que preveem uma diminuição de 10%, outros de um aumento entre 5 a 10%, no geral, as previsões são de uma produção idêntica ao ano anterior, tanto na uva para vinho como para mesa. Em relação à qualidade, também se previa que fosse boa, no entanto, as condições climáticas durante o mês de agosto, nomeadamente os picos de temperaturas elevados, prejudicaram a qualidade da uva. Foi verificado em alguns locais, casos pontuais de escaldão e sinais de stress, nomeadamente em vinhas novas onde não há rega. Na região do Alto Dão Lafões, mais concretamente, na zona de Silgueiros, os incêndios de agosto, atingiram cerca de 1 ha (0,5 de Touriga Nacional e 0,5 de Encruzado) de vinha.

No Pinhal Sul estima-se um acréscimo de produção em relação a 2024. As castas de uvas brancas estão no início da maturação, as uvas tintas estão ligeiramente mais atrasadas. Quanto à uva de mesa teve um forte ataque de mildio nas folhas e cachos estimando-se uma perda de produção em cerca de 60% em relação a 2024.

Nas **zonas do interior**, na Campina e Campo Albicastrense, na vinha diminui-se a estimativa da produção apesar de no mês anterior se ter estimado aumento. Actualmente, e face às informações recolhidas, constata-se heterogeneidade na variação da produção, coexistindo situações de maior e menor produção comparativamente ao ano anterior. Os ataques de mildio estarão na origem das referidas quebras de produção.

Tanto em Riba Côa como em Cimo Côa, as vinhas que não foram regadas, apresentam um fraco estado vegetativo, com as uvas com bagos pequenos e a secar devido ao escaldão que se verificou. Algumas vinhas foram afetadas pelos incêndios que assolaram estas duas zonas homogêneas, calculando-se uma quebra na ordem dos 5% na produção.

Quer na Serra da Estrela quer na Cova da Beira, a vinha foi fortemente devastada pelos incêndios, essencialmente vinhas estremes localizadas na parte norte do concelho da Guarda. Acresce que nos meses anteriores as vinhas sofreram grandes ataques de mildio, com consequências graves nas que



não foram tratadas ou onde os tratamentos efetuados não foram oportunos e escaldão. Assim, prevê-se em termos gerais, uma diminuição da produtividade em cerca de 15%, face ao ano anterior, em ambas as zonas homogéneas.

- **Outros pomares**

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, a cultura do medronho, mesmo sendo resiliente e bem-adaptada a condições extremas, está a ressentir-se com as altas temperaturas. Tal como em julho, neste mês o fruto também não desenvolveu devido às altas temperaturas. Caso as próximas semanas tragam precipitação e temperaturas amenas, a maturação deverá ocorrer com alguma celeridade, mas, o fruto já não ganhará volume e a qualidade poderá não ser a desejada. Parte do fruto tem a sua superfície escurecida, provavelmente devido à ação de fungos e ao longo período de chuva primaveril. A assimetria no tamanho e desenvolvimento do fruto (situação comum nesta cultura) tem-se esbatido, e a perspectiva de uma colheita prolongada no tempo, já não deverá ocorrer.

A cultura do castanheiro segue no estado fenológico de desenvolvimento do fruto, ainda que com algum condicionamento devido ao pico extremo de calor.

Na cultura da noqueira, igualmente afetada pelo calor extremo (atenuado em noqueirais com rega), o fruto encontra-se em fase adiantada do seu desenvolvimento, estimando-se a colheita para o início de outubro.



## **6-d – Estado vegetativo das culturas arvenses de sequeiro e regadio, nomeadamente: milho, arroz, grão-de-bico, feijão, tomate (para indústria) e girassol; disponibilidade de água para rega.**

- **Arroz**

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Mondego, a cultura do arroz apresenta um desenvolvimento regular e uniforme e está em fase de enchimento do grão. Alguns arrozais apresentam grande infestação de milhã. Como ocorreu atraso nas sementeiras, prevê-se que as colheitas se iniciem apenas em outubro.

No Pinhal Litoral, o arroz encontra-se na fase de formação de espiga, embora com bastantes infestantes, estima-se uma produção idêntica à do ano passado.

- **Feijão, grão-de-bico, outras**

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, a cultura do chícharo, leguminosa com alguma expressão na zona, foi condicionada no seu desenvolvimento, primeiro pela sementeira tardia, mas também pelos picos de

calor e ausência de precipitação, resultando que o crescimento da planta é muito aquém do que seria expectável. Terrenos houve em que o agricultor descartou mesmo a colheita por não ter havido desenvolvimento da planta.

Quer no Alto Mondego quer na Beira Serra, estas culturas mantiveram as áreas e apresentam um aspecto normal. As produtividades tanto do feijão como do grão de bico estimam-se idênticas ao ano anterior em ambas as zonas.

Tanto no Alto Dão-Lafões como no Baixo Dão-Lafões, o feijão está com formação de grão em estado adiantado e apresenta um desenvolvimento vegetativo normal, nomeadamente, em regadio. Em alguns locais o calor excessivo, provocou uma germinação irregular e nos locais mais secos, algumas plantas morreram. Embora a área semeada seja idêntica à do ano passado, a previsão de produção é inferior (5%).

No Pinhal Sul, o feijão frade foi semeado tardiamente, acabando por ter uma germinação irregular, com muitas clareiras. O grão de bico está quase no final da maturação mas em campo apresenta algumas infestantes e com falhas nas linhas.

Nas **zonas do interior**, na Campina e Campo Albicastrense, estas culturas apresentam estado vegetativo normal, apesar da presença de infestantes em certas áreas, estimando-se produtividades semelhante ao ano anterior.

Tanto na Serra da Estrela como na Cova da Beira verificam-se germinações muito heterogéneas,

também associadas às altas temperaturas registadas, as plantas vingadas, apresentam bom desenvolvimento, na sua maioria, com bons lançamentos.

#### • Milho

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Mondego, iniciou-se a colheita dos primeiros milhos semeados, para produção de milho silagem, verificando-se uma quebra na produção. Os restantes milhos, apresentam-se em diferentes fases de desenvolvimento, com pouco desenvolvimento das plantas nos milhos mais tardios.

No Baixo Vouga, a colheita do milho grão já teve início nas variedades de ciclo curto, prevendo-se resultados iguais ao do ano passado em relação à produtividade e área.

No Pinhal Litoral, as searas apresentam diferentes estados fenológicos devido a facto de as sementeiras se terem prolongado no tempo. As sementeiras tardias obrigaram a rega, acarretando aumento de custos de produção, no entanto, prevê-se uma produção idêntica ao ano passado, encontrando-se 1,5 mês de atraso relativamente a campanhas anteriores. Há agricultores que à semelhança de campanhas anteriores, já registaram prejuízos provocados pelos javalis e que reclamam ação no seu controlo. O milho de sequeiro apresenta mau desenvolvimento vegetativo e com perspectivas de fracas produções.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, os poucos agricultores que ainda semeiam alguns terrenos



com milho, não tiveram sucesso com a cultura nesta campanha. A sementeira foi muito tardia devido ao excesso de água nos solos durante a primavera e, além das temperaturas relativamente baixas no início do ciclo, a ausência de precipitação na fase mais adiantada do ciclo cultural e o calor extremo, acentuaram o fraco desenvolvimento vegetativo. Nesse sentido, alguns agricultores abdicaram da colheita, encaminhando a matéria verde para alimentação do gado. Nos milheirais ainda em desenvolvimento, o estado fenológico encontra-se próximo da maturidade fisiológica - tendo já os agricultores partido a bandeira do milho, prática comum na zona. Nalguns casos, já foi mesmo cortada a cana, mas a produção foi limitada, servindo mais para garantir semente para a próxima campanha do que para consumo.

Quer no Alto Mondego quer na Beira Serra, as áreas de milho diminuíram. Encontra-se na fase de grão pastoso, e, apesar de não ter havido dificuldade em água para rega, as espigas estão mal cheias, talvez devido às grandes amplitudes térmicas diárias, frustrando-se a expectativa de um aumento de produtividade.

Tanto no Alto Dão-Lafões como no Baixo Dão-Lafões, o milho apresenta-se na fase fenológica de enchimento do grão. As condições climatéricas ocorridas obrigaram a um atraso na sementeira, com os solos encharcados, que posteriormente, com o calor causou um défice no nascimento, resultando uma ligeira diminuição de produtividade (5%) no milho regional de sequeiro, face ao ano anterior. Em relação ao milho de regadio, tanto o híbrido como o regional, a previsão de produção é idêntica ao ano transato. Há a registar, ainda, o ataque persistente dos javalis.

No Pinhal Sul, o milho grão ainda não foi colhido, apresenta ter uma produção normal e esperam-se produções semelhante ao ano anterior.

Nas **zonas do interior**, na Campina e Campo Albicastrense, no milho de regadio assiste-se à diminuição da área em virtude da baixa rentabilidade da cultura. A produtividade estimada é semelhante ao ano anterior.

Tanto na Serra da Estrela como na Cova da Beira, o milho híbrido para grão apresenta bom desenvolvimento, encontrando-se o de ciclo mais curto (FAO 300), na fase final do ciclo, começando a perder humidade. Os de ciclo mais longo (FAO 500), encontram-se na fase de enchimento do grão. O milho forrageiro de sequeiro e regadio, o sorgo e a erva do sudão de regadio encontram-se todos com desenvolvimento normal para a época, atendendo às condições climatéricas, em ambas as zonas homogéneas. Nas áreas de sequeiro, a germinação foi heterogénea devido às altas temperaturas verificadas, nomeadamente nas terras mais altas, onde os teores e humidade do solo são menores. As áreas não sofreram grandes alterações.

Quer em Riba Côa quer em Cimo Côa, as culturas de sequeiro apresentam fraco desenvolvimento vegetativo devido ao estado de tempo verificado, mas, as de regadio, não apresentam problemas de maior, apresentando um bom estado vegetativo.

#### • **Tomate para indústria**

Nas **zonas do litoral**, e na única zona homogénea produtora - Pinhal Litoral, a colheita já foi iniciada. Prevê-se uma boa produtividade cerca de 115 ton/ha. Houve uma diminuição da área plantada/abandono da cultura, relativamente ao ano passado.

#### • **Disponibilidade de água**

De um modo geral, ainda não se verificou falta de água para rega e abeberamento dos animais, apesar dos níveis freáticos estarem a diminuir face às elevadas temperaturas verificadas e ausência de precipitação nos últimos meses.



### 9-d – Colheita das culturas de batata de sequeiro e regadio: como decorreu; produção quanto aos aspectos de quantidade, rendimento e qualidade dos produtos.

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, a campanha de batata, segundo informação recolhida, foi bastante difícil e pouco lucrativa. Começando por uma sementeira tardia, inverno chuvoso, terras encharcadas e frias, levou a grande perda de plantas e em alguns casos perda total de parcelas que tornaram a ser replantadas na sua totalidade. Estas condições edafoclimáticas levaram ao incremento de despesas em tratamentos anti míldio e maior número de adubações. Na presença deste cenário tão difícil e incerto em termos de quantidade produzida, o mercado nacional recorreu ao aumento da importação da batata para garantir o seu fornecimento. Assim, na campanha deste ano, alguma produção nacional ainda se encontra por colher devido à inexistência de clientes e a uma diminuição nas exportações, simultaneamente à existência de stock de batata importada ainda em armazém. A par de todas estas condicionantes, a produção das variedades de batata mais precoces desceu para as 15 ton/ha e as mais tardias para 40 ton/ha em média, levando a uma produtividade média de 30 ton/ha, inferior ao último ano. Com a demora no escoamento do produto, a sua qualidade e apresentação também foi afetada resultando em maior refugo e diminuição do preço final não ultrapassando, em alguns casos, os 0,20 €/kg. Alguns produtores reportam um ano de campanha com grandes prejuízos, vendo-se obrigados a vender o seu produto a preços que não cobrem os custos de produção, sendo que, ainda segundo eles, a disparidade entre preços da batata no produtor e o preço final ao consumidor chega a atingir os 500% de diferença.

No Baixo Mondego, as colheitas de batata de sequeiro estão concluídas, com baixo calibre e menores produções em relação ao ano passado. Quanto à batata de regadio ainda estão a decorrer as colheitas, apresentando calibres e produções inferiores ao ano passado.

No Pinhal Litoral, prevê-se uma produção de batata fraca à semelhança do ano anterior. Os produtores que já colheram, referem calibres mais baixos que no ano passado.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, a cultura da batata não fugiu ao que tem sucedido com outras culturas de sequeiro, indicando os agricultores que a colheita tem sido inferior ao normal, com poucos tubérculos por planta e pouco desenvolvidos. As dificuldades do ciclo começaram na plantação devido ao excesso de humidade nos solos - nalguns casos as condições meteorológicas obrigaram mesmo à replantação. A presença de míldio e a dificuldade em controlar a doença durante o desenvolvimento vegetativo condicionou igualmente o bom desenvolvimento da cultura. Os picos de calor podem também ter interferido com os calibres da batata, ao criarem compactação do solo e limitando o

crescimento do tubérculo. De referir que mesmo tendo sido difícil preparar os terrenos, não houve diminuição das áreas, visto ser uma cultura tradicional na zona e habitualmente com boas produções. Os ataques continuados do javali neste território continuam a condicionar a pretensão dos agricultores em aumentar as áreas da cultura.

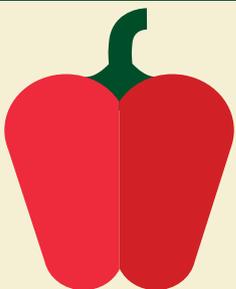
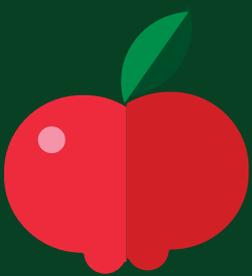
Nas zonas homogéneas do Alto Mondego e da Beira Serra, a batata de regadio está colhida tendo mantida os valores da produtividade, mas diminuído o calibre e a qualidade dos tubérculos, que aparecem defeituosos e com a pele danificada. A de sequeiro, já colhida, apresentou boa produtividade e qualidade.

No Alto Dão-Lafões e no Baixo Dão-Lafões, a área de plantação da batata de regadio foi superior em 10% face ao ano anterior, igual na batata de sequeiro. Em algumas zonas, a batata está ainda a ser colhida, com bom desenvolvimento, bom calibre e boa qualidade, prevendo-se um aumento de produtividade (regadio) em cerca de 10% face ao ano anterior.

No Pinhal Sul, a batata de sequeiro teve uma produtividade semelhante à de 2024, mas os produtores queixam-se que existem problemas de conservação, com o apodrecimento de muita batata. A batata de regadio teve uma produção em quantidade e de qualidade, ligeiramente superior à de 2024.

Nas **zonas do interior**, em Riba e Cimo Côa, está praticamente terminada a colheita da batata, quer de sequeiro quer de regadio, tendo decorrido normalmente, embora um pouco atrasada, pois a plantação também o foi. Tudo aponta para um ano normal em termos de rendimento e qualidade.

Nas zonas homogéneas da Serra da Estrela e da Cova da Beira, a batata de regadio encontra-se na fase de colheita em ambas as zonas homogéneas, com boa qualidade. A cultura da batata de sequeiro, ainda efectuada na Serra da Estrela, decorreu normalmente, com produções muito idênticas às do ano anterior.



ANEXO I

Zonas Homogêneas	Concelho	Local	Precipitação acumulada (mm)	N.º de dias com precipitação	Temperaturas Médias (°C)			
			01 a 31/08	01 a 31/08	Máx.	Min.	Média	
ZONAS DO LITORAL	Baixo Vouga	Agueda	4,0	3	30,2	13,7	21,2	
		Anadia	Arcos	2,4	2	31,6	16,3	22,5
	Pedralvites		-	-	-	-	-	
	Baixo Mondego	Cantanhede	Poço Lobo	2,2	3	30,0	14,9	21,1
		Soure	Moinho de Almoxarife	0,8	4	26,3	16,4	20,6
		Coimbra	Cooperativa Agrícola de Coimbra	1,0	4	30,7	16,8	21,8
			Cooperativa Agrícola de Montemor-o-Velho	0,6	3	28,5	17,0	21,1
	Pinhal Litoral	Coimbra	Instituto Politécnico de Coimbra	1,0	4	30,0	15,8	21,3
			Batalha	Branças	1,2	2	31,2	15,6
		Leiria	Azóia	0,0	0	28,4	16,3	21,0
Porto de Mós			Casal do Alho	-	-	-	-	-
			Alcaria	0,4	1	32,9	15,4	22,6
Pombal	Abiul	2,8	2	33,4	16,4	22,9		
Leiria	Regueira de Pontes	1,4	1	27,8	15,8	21,0		
ZONAS DE TRANSIÇÃO	Pinhal	Lousã	Quinta do Conde	0,0	0	37,9	13,9	24,8
		Miranda do Corvo	Cerdeira	-	-	-	-	-
		Ansião	Freixo	0,6	1	33,2	15,8	22,8
	Beira Serra	Nelas	C. E. Vitivinícolas	1,2	2	34,3	16,5	24,2
	Alto Dão-Lafões	Viseu	Estação Agrária	0,0	0	33,6	15,2	23,5
	Baixo Dão-Lafões	Tondela	Quinta das Tílias	3,4	6	35,7	16,8	24,7
	Alto Mondego	Gouveia	Nabais	1,0	2	35,4	16,0	24,9
			Sertã	Cernache	0,6	2	33,1	14,7
		Pinhal Sul	Proença-a-Nova	Chão-do-Galego	0,0	0	37,1	18,4
	Oleiros		Oleiros	0,2	1	32,8	17,0	24,3
ZONAS DO INTERIOR	Riba Côa	Mêda	Longroiva	0,0	0	36,6	16,9	26,8
		Pinhel	Pinhel	0,0	0	35,0	12,6	24,0
			Trancoso	Trancoso	0,2	1	34,1	16,1
	Serra da Estrela	Celorico da Beira	Carvalheda	1,2	3	34,2	13,2	23,4
		Guarda	Relvas	1,0	3	34,8	15,4	24,9
	Cimo Côa	Sabugal	Martim Rei	0,2	1	32,4	13,2	22,5
		Almeida	Almeida	0,0	0	33,1	15,8	24,7
	Cova da Beira	Belmonte	Belmonte	1,4	1	35,2	13,4	24,1
			Covilhã	Lamaçais	0,0	0	36,8	14,2
		Fundão	Brejo	0,2	1	34,5	16,0	25,5
			Alcungosta	0,2	1	33,1	18,9	25,5
	Fadagosa	0,4	1	36,2	18,0	27,1		
	Campina e Campo Alcastrense	Idanha-a-Nova	Várzea	0,0	0	38,7	15,6	27,1
Penamacor		Assoc. B. Cova Beira	0,4	2	35,3	14,6	24,8	

Fontes: EMMVA.R. - D.G.A.V. - D.I.F.A.M.P.V.

\*.ADOFNEM

\*\* de 01/08 a 28/08    \*\*\* de 01/08 a 30/08    \*\*\*\* de 01/08 a 27/08    \*\*\*\*\* de 01/08 a 29/08

ANEXO II

DISPONIBILIDADE DE ÁGUA NAS ALBUFEIRAS DOS APROVEITAMENTOS HIDROAGRÍCOLAS

28/08/2025															
Concelho	Albufeira	Cota (NPA)	Vol. total (NPA) - hm3	Vol. morto - hm3	Vol. útil - hm3	Armazenamento total				Armazenamento útil		Descargas nos últimos			
						Cota actual	Actual (hm3)	Última leitura (hm3)	Variação (hm3)	% ao NPA	Vol. útil armazenado - hm3	%	Descarregado r de Cheias	Descarga de fundo	
Anadia	Porcão	104,00	0,102	0,004	0,098	100,90	0,061	0,061	0,000	↓	59,4%	0,057	57,9%	não	não
Castelo Branco	Magueija	353,50	0,134	0,000	0,134	353,20	0,122	0,134	-0,012	↓	91,0%	0,122	91,0%	sim	não
Figueira de Castelo Rodrigo	Vermiosa	684,80	2,200	0,050	2,150	683,20	1,338	1,377	-0,039	↓	60,8%	1,288	60,8%	não	não
Mortágua	Macieira	143,63	0,946	0,026	0,920	142,40	0,813	0,815	-0,002	↓	85,9%	0,787	85,9%	não	não
Oliveira de Frades	Pereiras	482,00	0,120	0,005	0,116	477,30	0,024	0,024	-0,001	↓	19,8%	0,019	19,8%	não	não
Pinhel/Trancoso	Bouça-Cova	577,00	4,867	0,183	4,684	574,40	3,358	3,443	-0,085	↓	69,0%	3,175	69,0%	não	não
Sabugal	Alfaiates	801,00	0,854	0,204	0,650	800,10	0,670	0,690	-0,020	↓	78,5%	0,466	78,5%	não	não
Vila Velha de Ródão	Açafal	112,60	1,746	0,000	1,746	109,73	1,241	1,746	-0,505	↓	71,1%	1,241	71,1%	não	não
Vila Velha de Ródão	Coutada/Tamujaís	131,00	3,891	0,591	3,300	126,76	2,290	2,367	-0,077	↓	58,8%	1,699	58,8%	não	não
Viseu	Calde	547,20	0,589	0,033	0,556	546,03	0,495	0,510	-0,016	↓	84,0%	0,462	84,0%	não	não
			15,449	1,095	14,354	10,411	11,167				67,8%	9,316	67,4%		

OBSERVAÇÕES/OUTROS:

n. a. (não aplicável) - barragens sem válvula de descarga do caudal ecológico; Calde e Coutada, por exemplo, garantem os caudais ecológicos com outras origens de água que afluem à zona imediatamente a jusante das barragens.

Fonte: CCDRC/DIGRH

CC  
DR **CENTRO** . I.P.

[WWW.CCDRC.PT](http://WWW.CCDRC.PT)

